

A CHÁCARA DA BARONESA E O IMAGINÁRIO SOCIAL PELOTENSE*

*Jezuina Kohls Schwanz ***

Este manuscrito é parte da dissertação que tem como título “A Chácara da Baronesa e o imaginário social pelotense” cujo objetivo foi analisar as representações criadas em torno do “solar da baronesa” e da família Antunes Maciel. O cenário começou a delinear-se na Pelotas oitocentista, onde aspectos econômicos, sociais e culturais foram analisados a partir da perspectiva das representações, ora feitas por viajantes, em fatos jornalísticos, ora pelas recordações de pessoas da família.

As principais fontes utilizadas foram os documentos privados, como cartas, fotografias e recortes de jornais que compõem o acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa, e uma entrevista com Zilda Maciel de Abreu Vicente, neta dos Barões de Três Serros. Dentre os autores utilizados pode-se destacar no campo da Memória: Halbwachs, Joel Candau, Ecléa Bosi e Pierre Nora; para o trato das representações e imaginário social utilizaram-se os referenciais de Roger Chartier, Bacsko, Sandra Pesavento.

Ângela de Castro Gomes, Michele Perrot, Eni de Samara Mesquita, e Mary Del Priore ajudaram a compor os referenciais para entendermos os meandros da vida em família e principalmente o papel que essas mulheres exerciam no ambiente familiar e social da época em questão. A história Oral, presente na entrevista com Zilda Maciel, foi trabalhada de acordo com referenciais de Paul Thompson, José Carlos Sebe Meihy, e Ecléa Bosi. Bosi, falando a respeito das histórias de vida e seu uso salienta que “se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta, como coisa, mas existe onde ela floresceu” (BOSI, 1994, p.103).

* Resumo recebido em 26/05/2011. Aprovado em 02/06/2011.

** Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL, Pelotas, sob a orientação da Dr^a. Maria Leticia Mazzuchchi Ferreira. E-mail: jezuinaks@gmail.com.

Pode-se perceber por meio da pesquisa, como a fama de “princesa do sul” ou a “flor do estado” foi adquirida. Pelotas com seus imponentes casarões e ricos charqueadores esteve presente no universo literário da época, e no imaginário de seus habitantes, corroborando para a manutenção de uma memória coletiva calcada nos ideais de uma parcela da população, a elite. A análise das fontes permitiu que se compreendesse o contexto social e cultural em que as representações em torno da aristocracia pelotense começaram a ser “criadas”, ditando modelos de comportamento e produzindo significações.

A “Chácara da Baronesa” foi apresentada em seus múltiplos aspectos, desde a sua construção e da disposição dos cômodos, até as representações criadas em torno desse “lugar de memória”. Podemos perceber o uso do casarão pelas três gerações da família da Baronesa dos Três Serros pelos relatos do seu cotidiano, das festas e dos grandes acontecimentos em que o casarão foi palco. As diferentes narrativas em torno do Solar da Baronesa foram sendo apropriadas, inventadas e ressignificadas pela sociedade, “ganhando *status* de verdade” (BOURDIEU, 1996).

Estando distante de sua morada em Pelotas, Amélia utiliza-se das cartas para sua filha Sinhá para saber a respeito do solar

Já vejo que o nosso “Velho Casarão” como lhe chamam, voltou aos tempos primitivos, envergando toda catita, os novos trajes domingueiros... Queira Deus que *elle* assim se conserve, para gozo de seus futuros proprietários.¹

A Baronesa Amélia desejava que “o velho casarão” retornasse aos tempos áureos, onde ela foi feliz junto com seu marido, filhos e netos. Dos relatos em jornais da época até as recentes postagens em blogs, a chácara foi vista pelos múltiplos olhares de quem a descreveu. Passado e presente revelando segredos sobre uma família que foi escolhida para ter sua memória perpetuada no espaço onde viveram. A partir dos laços de convivência de seus familiares, seus hábitos e aspectos religiosos, foi reconstruída a vida em família da Baronesa.

Quatro mulheres da família Antunes Maciel foram analisadas pela “escrita de si” da Baronesa Amélia para sua filha Sinhá, onde os ideais de mãe, esposa e figura da sociedade foram discutidos, como se a distância

¹ Carta de Amélia, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903. Nesse trecho da carta, Amélia coloca para sua filha Sinhá o desejo, que a obra em andamento, seja finalizada a contento. Acervo MMPB.

não as separasse, “É como se falasse *contigo* minha filha”, diz Amélia em uma dessas inúmeras cartas. Contudo, é preciso perceber que esses ideais foram selecionados cuidadosamente para serem citados, pois faziam parte do modo de vida de uma parcela da família brasileira nas quais a Baronesa se reconhecia e da qual desejava continuar fazendo parte.

Aspectos da sociedade pelotense foram por elas discutidos, embasados nos recortes de jornais que trocavam e nas revistas que mandavam uma para outra. Pela leitura que elas iam fazendo do seu mundo, iam constituindo suas práticas e produzindo novas representações. Amélia buscou no ato de escrever e na cumplicidade com sua confidente, consolo para os momentos difíceis de sua vida, como as perdas, a saudade e os problemas de saúde que vieram com a velhice.

Podemos constatar que Dona Sinhá serviu de guardiã dessa memória familiar, preservando cartas, cartões postais, fotografias, recortes de jornais e uma infinidade de documentos, essa pesquisa tornou-se possível. “Arquivando a própria”² vida, ela nos ofereceu um material sujeito a muitas interpretações.

A “rainha centenária”, Zilda, fez nascer uma “rainha avó”, como autodenominou-se Amélia já quase no final de sua vida. Zilda vivenciou duas viradas de século. Aos 102 anos de idade reconstruiu sua vida e de sua “nobre família”, pelos seus relatos. Neles corremos o risco de deixarmos levar pelo “feitiço das fontes” como nos diria Bourdieu, seduzidos pelo encantamento e pela clareza expressa nas suas palavras.

O “efeito de verdade” produzido por suas narrativas produziu um vasto material de análise, do qual foram apropriados determinados fatos que embasaram esta discussão, outros tantos foram deixados para serem desvelados em trabalhos futuros. De acordo com suas próprias palavras ao lembrar-se de sua juventude

Eu fui convidada para ser a rainha, porque eu era muito querida, o pessoal me adorava e eu adorava Pelotas. Eu era uma pessoa que tinha, modéstia à parte, um prestígio enorme, porque todas as camadas sociais, desde o presidente até os mendigos que vinham lá em casa, todo mundo eu recebia com muito carinho. De maneira que lá também havia a vila, porque eu era uma pessoa que agradava todo mundo, eu tinha prazer de viver, então eu não tinha classe, os empregados me adoravam, todo mundo me adorava e eu também queria muito

² Expressão retirada do texto de Philippe Artières, *Arquivar a própria vida* In: Estudos históricos Rio de Janeiro: vol.1, nº28, 1998.

bem a todos. *Claro, pois eu fui rainha. Eu fui rainha uma vez, com o clube e depois toda a vida*³.

“Ideóloga de sua própria vida” Zilda teve em sua juventude e “eterna beleza” as suas mais perfeitas recordações. Ao selecionar os fatos a serem narrados dentre seu cabedal de lembranças, ela reconstruiu sua trajetória a fim de dar sentido ao que viveu. A partir da singularidade de seus relatos foi possível perceber valores e comportamentos compartilhados dentro dos domínios da cultura da classe a que pertencia.

A última das *Macieis* a ter a vida “desvendada” nesse trabalho foi Déa, a neta caçula dos Barões. Ao figurar entre as “senhorinhas mais belas do estado”, ela seguiu o caminho da irmã mais velha Zilda, afinal a “*belleza* é um dos primeiros *atributos* das *Macieis*, de acordo com as palavras da “rainha avó”.

Tal como as mulheres de Minot (CANDAU, 2002), avó, mãe e filhas alimentaram a memória da família e da comunidade a partir de suas histórias, funcionando como sócio-transmissoras dessas memórias. Essas mesmas histórias ao serem contadas e recontadas, foram ganhando novos sentidos, pois cada indivíduo que lembra, o faz de acordo com a sua própria visão do mesmo acontecimento.

Após a década de 1940, a família, aos poucos, abandonou a chácara, suas temporadas em Pelotas eram cada vez mais raras. O “velho casarão” foi perdendo o seu glamour, até tornar-se um fardo para a família, pelos gastos com a sua manutenção. Mas a sua história estaria apenas começando. Depois de doado ao município de Pelotas, o parque tornou-se patrimônio da cidade e o solar da família passou a ser um dos mais conhecidos museus do sul do Rio Grande do Sul. Nele estão representadas parte da história da família e da elite pelotense no século XIX.

Podemos concluir que as diferentes narrativas presentes nesse trabalho são representações de um mundo dado a ler. Nessas narrativas sobre as *Macieis*⁴, atributos como o de *boa mãe, exemplo de fidalguia, beleza e extrema bondade* foram constantemente a elas atribuídos. Conforme Roger

³ Entrevista com Zilda Maciel de Abreu Vicente ao Professor Doutor Fabio Vergara Cerqueira em 2002. Acervo MMPB.

⁴ A expressão As *Macieis* foi utilizada pela Baronesa Amélia em inúmeras de suas cartas redigidas para sua filha Sinhá no início do século XX. A expressão era utilizada para falar das mulheres da família.

Chartier, as representações são a *trama da vida social*, constituindo fenômenos reais com propriedades distintas.

As representações criadas em torno desse “lugar de memória” e da família que o habitou foram encontradas nos textos e relatos analisados. As designações “chácara da Baronesa” e “solar da Baronesa” agora se justificam, pois não seria possível a denominarmos de “chácara do Barão”, nada mais justo depois de “conhecermos” essas mulheres na intimidade, que darmos a Amélia o mérito de ter seu nome perpetuado na casa que habitou.

“*As meninas Macieis*” deixaram sua marca no imaginário da cidade, sobressaindo-se aos homens que habitaram o solar. Por meio de seus percursos, escolhas e desejos, os meandros da vida cotidiana em família, em diferentes temporalidades, puderam ser analisados. A salvaguarda por essas mulheres dos documentos privados nos permitiu percorrer os caminhos do mundo feminino do final do século XIX e início do século XX, ainda pouco explorado pela historiografia.

É importante salientar que esse aspecto feminino está presente ainda hoje, seja na cor escolhida para adornar o Casarão em tons róseos, nas inúmeras pesquisadoras que se debruçam sobre as mais diversas temáticas em torno do Museu e da família, nas figuras da diretora, presidente e presidente de honra do mesmo - todas as mulheres. E o que dizer da expografia do MMPB? Objetos de uso feminino e exposições dedicadas exclusivamente à história das mulheres. Leques, vestidos e sapatos povoam ainda mais o imaginário voltado às mulheres pelotenses.

Nesse trabalho, procuramos desvendar apenas alguns dos aspectos presentes nos documentos analisados; com certeza, muitos outros desdobramentos ainda serão possíveis nesse vasto acervo. Documentos como as cartas de Mozart e Rubens para a sua mãe Sinhá, netos que assim como a avó Baronesa fizeram da escrita epistolar um meio de ligação com a família, ficaram de fora desse trabalho. A religiosidade de Amélia e suas crenças tão presentes em sua “escrita de si” também mereceriam destaque em trabalhos futuros.

O Museu Municipal Parque da Baronesa não foi o objeto desse estudo, mas a salvaguarda do seu acervo e as representações que foram criadas dentro desse espaço por meio de sua expografia são fundamentais para continuar alimentando a memória da família Antunes Maciel.

